

MODERNIZAÇÃO E LAICIDADE: O MODELO FORMATIVO DA IMPRENSA ESPÍRITA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Dr. Alessandro Santos da Rocha
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Este artigo analisa três periódicos da imprensa espírita brasileira da segunda metade do século XIX, quando o Espiritismo passou a ser disseminado no Brasil por meio de textos favoráveis a instauração do Estado laico. Foram analisados os seguintes periódicos: *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil* (1869-1870), a *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos* (1875), e a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* (1881-1882). Em comum, os periódicos expunham os princípios da Doutrina Espírita codificados por Alan Kardec. Apesar da perspectiva religiosa, os textos analisados

estamparam o debate sobre a transformação social mediante o discurso cientificista visto como modernizador. Todavia, fazia-se necessário laicizar as relações políticas do Império para que a Doutrina Espírita pudesse prosperar. O estudo demonstra que ela não se restringiu ao âmbito religioso, do contrário, estimulou a formação intelectual dos sujeitos. Para este estudo foi utilizada a abordagem histórica e documental, a qual considerou a contextualização do Brasil Imperial, bem como a apreciação crítica das publicações lançadas pela imprensa espírita da época.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Espírita Brasileira; Cientificismo; Laicização.

MODERNIZATION AND LAICITY: THE FORMATIVE MODEL OF THE BRAZILIAN SPIRITIST PRESS OF THE 19TH CENTURY

ABSTRACT: This research examines three newspapers of Brazilian spiritualist press the second half of the 19th century, when Spiritualism became widespread in Brazil through the establishment of texts favorable secular state. The following papers were analyzed: *Echo of The Grave Beyond: Spiritualism monitor in Brazil* (1869-1870), *Spiritist Magazine: monthly publication of psychological studies* (1875) and the *Journal of Academic Society God, Christ and Charity* (1881-1882). In common, the newspapers exposed the principles of the Spiritist Doctrine codified by Alan Kardec. Despite the religious perspective, the texts researched exposed the

debate on social transformation through the scientific discourse interpreted as Modern. However, it was necessary to lay the political relations of the Empire so that the Spiritist Doctrine could prosper. The research demonstrates that it was not restricted to the religious, otherwise, it stimulated the intellectual formation of the subjects. This research used the historical approach and documentary, which identified contextualization of Brazil Imperial, as well as the critical appraisal of publications released by the spiritualist printed the time.

KEYWORDS: Brazilian Spiritist Press; Scientism; Laicization.



APRESENTAÇÃO

A imprensa espírita ocupa papel significativo no mercado editorial brasileiro. O surgimento deste tipo de imprensa no país remonta ao ano de 1869, quando foi publicado, pela primeira vez, o jornal *O Écho d'Além-Túmulo*. A principal função do periódico era difundir o Espiritismo no Brasil, buscando adeptos à doutrina que foi fundada na França, mas que estava ganhando seguidores mundo a fora.

Jornais e revistas foram publicados para expor os fundamentos explicitados pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, que após codificar a Doutrina Espírita passou a ser denominado por Allan Kardec. A história do Espiritismo – também conhecido como Kardecismo - está marcada pelos eventos que diziam sistematizar a volta do espírito do mundo dos mortos para a vida física, fenômeno denominado como reencarnação.

O arcabouço histórico de aparecimento do Espiritismo na França coincide com o período em que emergiram as discussões feitas pelo Positivismo. Em certa medida, observa-se que alguns conceitos foram compartilhados pelas tendências científicas, filosóficas e religiosas de então, como, por exemplo, os ideários de Evolução e de Progresso, ambos presentes tanto no Positivismo, postulado por Augusto Comte, quanto no Espiritismo de Alan Kardec.

Todo este cenário, que envolve a segunda metade do século XIX, foi acompanhado do discurso de modernização, legitimando ideias que se afirmavam como inovadoras para transformar as relações sociais postas, como é o caso do Brasil, abalizado pelo regime imperial e por suas alianças com o conservadorismo religioso institucionalizado pelo padroado. O discurso modernizador requeria mudanças. O aspecto religioso, por exemplo, era afrontado pelo ideário cientificista que dariam bases para concepções mais laicistas, no qual o Estado deveria deixar de lado seus vínculos religiosos.



Nesta perspectiva, diferentes correntes que se afaçavam como científicas adentraram ao país, vide o Evolucionismo e o Biologismo. Muitas destas correntes queriam fazer a transformação da mentalidade que havia à época, considerada retrógrada. Para além, ambicionavam transformar o próprio regime político, fazendo com que o Império pudesse ceder lugar ao republicanismo. Como o Espiritismo não foi diferente.

Avançar, progredir, modernizar tornaram-se quase que um frenesi para a época; entretanto, para serem implementadas requeriam uma sociedade harmônica, a qual era dissonante quando considerado os movimentos sociais que ganhavam força nas rodas de conversa, nos cafés e na imprensa, a qual servia para retratar o cenário, mas também para impulsioná-lo. Em síntese, a imprensa poderia tanto fomentar os movimentos, quanto forjar as ideias que apaziguasse as lides sociais.

A segunda metade do século XIX vivenciou a efervescência de grupos que tentavam impor suas visões de mundo recorrendo a ideias reformistas, as quais, fossem acatadas, destituiria o Império. A política imperial era acusada de manter estruturas arcaicas, a exemplo do vínculo com a aristocracia rural e das relações que sustentava com a Igreja Católica. Estas questões passaram a ser o alvo das contendas, manifestadas em diversos espaços públicos, dentre eles, a imprensa.

As novas condições, vistas em países como o Brasil, indicavam que não só o universo físico e natural precisa evoluir, mas também era preciso fazer com que o espírito humano encontrasse um caminho para os estágios de perfeição. As almas também tinham que evoluir, porém, não por seleção natural, mas pelas escolhas individuais de cada sujeito. Essa forma de pensar sintetiza o modelo progressista do espiritismo que, juntamente, com as ideologias modernizadoras adentraram o país.

As concepções modernizadoras, que preenchiam as páginas dos periódicos espíritas, possuíam funções que, em certa medida, voltavam-se para o escopo



doutrinário do Espiritismo, mas não se furtaram de alinhar-se com os segmentos letrados em voga. Em outras palavras, as ideologias da Doutrina Espírita, no que tange as ideias modernizadoras, atendiam os interesses dos reformistas brasileiros do período. Materializa-se então a concepção de que o progresso espiritual, que além de proporcionar a evolução da alma, servia para justificar a regeneração humana e evoluir a sociedade como um todo (ÍSAIA, 2007).

Não se perde de vista que a Doutrina Espírita estabelecia vínculos com as questões religiosas, as quais eram lembradas com um enfoque moralizante. Nesse sentido, há o entendimento de que as noções de ciência e de progresso se vinculavam aos encaminhamentos sobre uma sociedade moral, sendo assertivos em promulgar as ideias que o país necessitava para caminhar rumo à civilização.

Os periódicos da imprensa espírita brasileira: cientificismo e modernização

Quando voltamos nosso olhar para a imprensa espírita brasileira encontramos o projeto de difusão de uma doutrina representativa da segunda metade dos anos oitocentos. Frente ao contexto de modernização do período, a imprensa espírita, igualmente as que se vinculavam a outros segmentos, passou a instruir de acordo com seus ideais, muitos deles, apresentando interface com os debates políticos. Portanto, a imprensa dos anos oitocentos, como a imprensa espírita, acatavam as ideias de modernização que estavam em voga, a imprensa espírita “[...] deve ser considerada hoje como agente de modernização política” (COUTROT, 2003, p. 350).

Três periódicos destacam-se como precursores da imprensa espírita brasileira. São eles: *O Écho d’Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil* (1869-1870), a *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos* (1875), e a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* (1881-1882).



O primeiro jornal espírita publicado no Brasil foi o *Echo d'Além-Túmulo*. O jornal veio a lume em 1869 e tinha como redator e editor o baiano José Olímpio Teles de Menezes (1828-1893). O periódico era impresso na tipografia do *Diário da Bahia*, de Salvador, e destinava-se a pequenos grupos. Faz jus lembrar que os leitores de jornais eram homens que pelo fato de estarem alfabetizados, numa sociedade com grande número de analfabetos, estavam possibilitados a ter contatos com as ideias vindas de fora. Conforme Stoll (2004), muitos destes indivíduos estavam incentivados em fazer a modernização do país. No entanto, entendiam que a laicidade do estado deveria ser a tarefa primordial.

Apesar de ter sido lançado apenas seis volumes, o jornal assumiu tamanha repercussão que dos seis volumes lançados, o seu editor “[...] chegou a fazer um compêndio, equivalente a um livro, como resultado do primeiro ano de sua publicação, correspondente ao período de julho de 1869 a maio de 1870, compondo um total de 304 páginas” (FERNANDES, 2003, p. 61).

A circulação d'O *Écho d'Além-Túmulo* atingia encontrou espaço fora país. Os exemplares eram enviados para localidades distantes, mediante a troca de livros e publicações que pudessem ampliar os debates. Teles de Menezes, assim como outros intelectuais da elite letrada brasileira, tinha interesse nas novidades que partiam de contextos que inspiravam e encantavam pelo prisma modernizador. Nessa perspectiva, ele já havia se colocado a serviço da Doutrina Espírita desde 1865, quando lançou em Salvador o Grupo Familiar de Espiritismo.

O grupo era formando, basicamente, por homens da elite letrada local. Alguns deles tiveram a oportunidade de estudar em colégios europeus e entraram em contato com as tendências científico-filosóficas que se nominavam como modernizadoras. Outros adeptos da doutrina tomaram conhecimento do Espiritismo por meio de informações esparsas nos jornais que informavam sobre a “febre das mesas girantes” que enchiam os salões europeus de curiosos (WANTUIL, 2007).



Independentemente do modo como estes intelectuais passaram a ter contato com a doutrina de Kardec, todos nutriam um profundo interesse por questões que se diziam científicas e que estavam na base das ciências positivas. No intuito de compreender a organização do mundo eles advogavam a favor de investigações que utilizasse de métodos empírico e observacionais capazes de explicar o mundo sem ter que se voltar as questões metafísicas.

Na tentativa de concatenar conhecimento científico e religiosidade, de maneira profética e eloqüente, Luiz Olímpio explanava seu desejo pelo saber universal relacionado à moral cristã, acreditando numa perspectiva progressista, que somente a instrução e a reforma íntima do ser eliminariam a ignorância e o sofrimento humano neste mundo (FERNANDES, 2003, p. 38).

Vale ressaltar que o jornal não se esquivava de trazer textos que comentavam sobre o fenômeno religioso, principalmente, ao fundamentar as passagens bíblicas, sendo que até mesmo, algumas comunicações espirituais eram atribuídas a santos, beatos e padres. Exemplarmente, nomes como o de Santo Agostinho, Padre Constâncio e Anjo Gabriel eram citados ao lado de textos escritos por espíritos desencarnados (O ECHO..., jul., n.1, 1881; nov., n.3 1881). A questão religiosa foi mencionada no periódico por algumas vezes, especialmente, na tentativa de se resguardar dos ataques feitos por parte de padres, beatos e bispos que não concordavam com o rumo que a doutrina estava tomando.

Apesar do foco do periódico não ter sido a discussão político-partidária, a exemplo do republicanismo e abolicionismo, o redator informava sua preocupação com as questões estruturais do império, como a escravidão, ao informar que o lucro obtido com a venda do jornal seria destinado a causa abolicionista. Lia-se assim:

O Écho d'Além-Túmulo deduzirá de cada assinatura realizada 1\$000, cuja soma será, anualmente, publicada e destinada para dar liberdade à escravos, de qualquer cor, do sexo feminino, de 4 a 7 anos de idade, nascidos no Brasil (O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO, jul. 1869, n.1, p.1).



Como podemos perceber, o jornal baiano tomou a frente nas publicações da imprensa espírita, mas foi no Rio de Janeiro que este tipo de publicação passou a ganhar mais público. Esta afirmação pode ser constatada ao tomarmos como exemplo a *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos sob os auspícios de alguns espíritas (1875)*. O periódico foi publicado pela primeira vez em 10 de janeiro de 1875. A revista era o meio de comunicação do Grupo Confúcio, composto por sujeitos interessados em praticar a Doutrina Espírita.

A *Revista Espírita* seguia os padrões da *Revue Spirite: Journal D'Études Psychologiques*, publicação francesa iniciada por Kardec em 1858. A partir da leitura do periódico francês, Antonio da Silva Neto (1836-1905), encontrou o modelo que serviria para iniciar as publicações espíritas na Corte. Segundo ele, seu interesse era expor os princípios que julgava ser a “revelação de Deus” para a existência da “verdadeira ciência” (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 9).

De origem baiana, Silva Neto, carregava em sua biografia o vínculo com questões políticas pungentes na corte. Ele era um dos incentivadores em afastar a política do crivo doutrinador imposto pelo padroado que dominava o Império. Silva Neto utilizou a imprensa para defender as ideias liberais, principalmente para incentivar a acomodação dos ideais republicanos. Em 1861 lançou pela Tipografia do Comércio um compendio de 15 páginas, intitulado de *Ligeiras reflexões políticas*. Nele o autor compartilhava de seu pensamento liberal e descartava as premissas conservadoras do Estado imperial. Marcante, também, foi a atuação expressiva no que tange a defesa que fazia da abolição. Em 1866, ao publicar o livro *Estudo sobre a emancipação dos escravos do Brasil*, perfazia o curso histórico da escravidão no país e traçava a comparação entre o modelo escravista brasileiro e o que estava presente em outros países que ainda adotavam o regime escravocrata (WANTUIL, 2002; VALLE, 2010).

Outros títulos com a mesma temática foram lançados por Silva Neto, dentre eles destacam-se o livro *Segundos Estudos sobre a emancipação dos escravos do Brasil de 1868, A Coroa e a emancipação servil de 1869 e Corte, 13 de maio de*



1869. Porém, foi na *Revista Espírita* que ele desenvolveu sua carreira enquanto um intelectual do espiritismo brasileiro.

O periódico, criado e encerrado em 1875, circulou apenas por 6 números, que foram suficientes para expressar a conjuntura progressista defendida pela Doutrina Espírita. Assim como *O Écho d'Além-Túmulo*, seus temas não estavam destinados as questões da política partidária. Ao contrário, a revista abordava assuntos que variavam desde a exposição textual de comunicações mediúnicas, até relato de fatos que envolviam o “mundo dos mortos” e que o seu editor julgava ter obtido pela observação científica.

Na capa da revista era apresentado um pequeno sumário que informava sobre os conteúdos que seriam abordados no transcórper dos números que fossem publicados. A *Revista Espírita* abordou:

Os fatos das manifestações dos Espíritos. – Notícias relativas ao Espiritismo. – Transcrições da doutrina espírita. – **Os ensinamentos dos Espíritos relativos ao mundo visível e invisível; sobre ciências, sobre moral, sobre a imortalidade da alma, sobre a natureza do homem e seu futuro.** A história do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, capa, grifo nosso).

A epígrafe escolhida para estampar a capa do periódico era uma exortação a ciência, publicada por Allan Kardec n’*O Livro dos Espíritos*, nela dizia: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A potência da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito” (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, capa).

A preocupação em provar a existência dos espíritos foi debatida em praticamente todos os números do periódico. Tanto é que, em cada edição, o redator reservou espaços destinados a expor notas explicativas que expunham o processo de observação espiritual. Nestas notas, frequentemente, citava seus colegas e os feitos alcançados pela comunicação espiritual.



Sendo assim, os textos da *Revista Espírita* eram escritos com a finalidade de transmitirem os pressupostos metódicos da ciência espírita. No primeiro editorial, seu redator declarava que a missão do periódico era tornar-se “[...] uma escola prática e teórica dos estudos espíritas”. (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 4).

Porém, frente aos obstáculos, fazia-se necessário um processo de sistematização doutrinária, nem mesmo que fosse minimamente, para que pudesse publicar em idioma português as obras de Kardec. Assim, no anseio de divulgar o espiritismo, a revista justificava a sua existência na tradução de livros para instruir sobre os princípios da doutrina. Desse modo, argumentava:

Entre nós, sendo muito pouco conhecido o Espiritismo por falta de livros em nossa língua, uma publicação mensal tornava-se de necessidade indeclinável; tanto assim que, sentida essa necessidade por alguns espíritas que se entregam a esse estudo, nos incumbiram de uma tarefa que se tornaria superior as nossas forças, se não fosse o concurso dos bons Espíritos que animam a propaganda de tão sublime doutrina. Em tais condições, esta publicação tem durante os primeiros tempos, de sair um tanto fora da rigorosa significação tecnológica, para poder interessar aos leitores estranhos a ciência, com a qual temos de nos ocupar (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 7).

Além de proporcionar o contato com as obras de Kardec, a *Revista Espírita* objetivava fazer com que os seguidores do espiritismo debatessem o legado doutrinário de Kardec. Pelo que informou o periódico, não bastava apenas expor em suas páginas os fatos que mencionavam a existência da vida depois que o espírito desencarna, mas era preciso analisar os indícios da vida espiritual para que dela se extraísse ensinamentos morais. Por isso, o periódico advertiu:

Não podemos, pois, as páginas da presente Revista ser cheias simplesmente de narrações de fatos, ainda mesmo comentados, porque não tem de servir só aos que conhecem mais ou menos a ciência espírita. É por isso que o leitor encontrará artigos que constituem os princípios da doutrina extraída das obras de Allan Kardec. É, portanto, o nosso trabalho na máxima parte material. O nosso empenho é auxiliar os que desejam ver o Espiritismo derramado nesta região da América; portanto, não receamos que nos falte matéria interessante, e que esta publicação se torne monótona (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 7).



Caracteristicamente, o jornal assumia um cunho pedagógico ao instruir sobre os princípios e os termos a serem utilizados pelos estudiosos do espiritismo. Seguindo este interesse, em vários números o redator preocupou-se em esclarecer a própria linguagem doutrinária em seções que denominava de “Vocabulário Espírita” e “Instruções dos espíritos”.

O público leitor era basicamente os sócios do Grupo Confúcio. Dentre eles, haviam aqueles mais iniciados e os que ainda estavam adquirindo o conhecimento da Doutrina Espírita. Silva Neto optou por uma linguagem menos carregada quando comparado com outros periódicos da época. Do mais, era necessário que essa linguagem pudesse cativar aos curiosos que “[...] tinham ouvido falar do espiritismo, mas faltavam informações para segui-lo” (MACHADO, 1983, p. 67).

A *Revista Espírita* propagandeava as ideias de Kardec como uma maneira inovadora de encarar o futuro, esclarecendo que, na sua concepção, a vida não se encerrava na “pós-morte”. Segundo o periódico, este fato poderia ser averiguado pelas observações ditas científicas e que fizessem uso do modelo epistêmico que a doutrina deveria abranger.

A doutrina espírita muda completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, porém, uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas sim um resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos em toda sua realidade; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa; são só próprios habitantes desse (REVISTA ESPÍRITA, abr., 1875, n. 4, p. 129).

A publicação da *Revista Espírita* era a resultante do seu processo de aceitação da doutrina, o qual se desvelava a concordância com os ideais da época e que atendia aos seus interesses progressistas. Reconhecidamente, o redator da *Revista Espírita* era um “espírito livre”, e não expressava a religiosidade e nem praticava qualquer culto ou reverência a disseminações religiosas.

A *Revista Espírita*, sem dúvida, foi um instrumento que confluuiu para a formação dos primeiros passos do espiritismo no Brasil, em especial, no Rio de



Janeiro. Sem ela, provavelmente, a missão seria mais complicada aos membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade - organização que foi criada, posteriormente, para envolver os primeiros espíritas brasileiros que estavam mais interessados na perspectiva científica da doutrina. O próprio Silva Neto migrou para a referida instituição e auxiliou na formação do periódico que sucedeu a *Revista Espírita*.

A *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* foi o veículo oficial de comunicação da instituição que lhe dava o título. O periódico começou a ser publicado em janeiro de 1881, e sua última publicação data de julho de 1882. No período foram publicados 18 números que foram responsáveis por estabelecer o novo formato de imprensa com notáveis diferenças em relação aos periódicos que a antecederam, mas que não perdeu os objetivos de disseminar o espiritismo enquanto uma “ciência de observação”.

Ainda que a autoafirmação de perspectivas científicas fosse característica dos periódicos espíritas, a *Revista da Sociedade* tinha algumas particularidades, sobretudo, por expressar um cientificismo bem mais acentuado em decorrência dos propósitos da instituição que a mantinha.

A revista representava os interesses da Sociedade Acadêmica que a mantinha. A referida sociedade era constituída por homens participativos dos debates que estavam no auge do ideário oitocentista. Tais sujeitos dispensavam especial atenção aos estudos ditos científicos. No Art. 2º dos Estatutos, os membros da instituição fizeram constar que a Sociedade Acadêmica tinha por finalidade “[...] criar e sustentar a Academia Espírita de Ciências [...] para a observação e estudo de todas as ciências, em especial, a Ciência Espírita” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n. 1, p. 16).

Ao que tudo indica, o ideário oitocentista contribuía para que a Doutrina Espírita pudesse seguir como uma ciência e não como uma religião. Dentre os



intelectuais do espiritismo brasileiro figuravam homens que ambicionavam continuar desenvolvendo “a nova ciência de observação”.

Nota-se que, antes, eles participavam da Sociedade Deus, Cristo e Caridade, fundada em 1876. O nome da instituição anterior era parecido, porém, não continha o termo “acadêmico”. O título de sociedade científica passou a constar somente a partir de 1879, quando foi organizado o regulamento que qualificava a instituição como sendo um lugar de estudos das tendências empíricas e racionais da modernidade. É possível entender assim que, o peso que se dava ao termo acadêmico decorria das abordagens epistemológicas feitas no âmbito das academias científicas de então.

A Sociedade Acadêmica, em carta enviada ao imperador solicitando a regulamentação da instituição, afirmava que era uma “sociedade científica e literária” e que seguia a legislação pertinente para o seu funcionamento. Na mesma carta, a diretoria da instituição informava que pretendia criar cursos para o aperfeiçoamento dos seguidores da Doutrina Espírita, deixando os qualificados para fazer a investigação metódica dos fenômenos espirituais. Apesar de se considerar uma instituição acadêmica, o Art. 3º dos Estatutos advertia para: “A Academia não conferirá títulos científicos, mas criará cursos que habilite seus membros para os exames de faculdades oficiais” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n.01, p. 16).

Com a intenção de publicar os estudos realizados na Sociedade Acadêmica, os diretores organizaram a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. A redação do periódico ficou a cargo dos membros que compunham a diretoria da referida sociedade acadêmica. Em sua maioria, intelectuais que tinham atuação na imprensa da época, sobretudo, nas que envolviam a questão republicana. Eram homens com perfis que remetiam as tendências ideológicas do período, logo, estavam inspirados por noções significativas para a intelectualidade que buscava nas concepções da época fundamentar suas ações e discursos.



Motivados pelas ideias de modernização, os intelectuais que escreveram para a *Revista da Sociedade Acadêmica* não descartavam a tríade, “ciência-filosofia-religião”. Estas peculiaridades preenchiam o periódico desde as epígrafes que o abriam, como pode se observar na capa da revista, onde eram apresentadas três epígrafes retiradas das obras de Kardec e que faziam alusão ao “progresso” por meio da dita “ciência espírita”.

A missão Espírita é estabelecer a fraternidade e a paz universal e ensinar à humanidade a grande lei do progresso: CARIDADE E AMOR.

Não há efeito sem causa. A natureza da causa determina a do efeito. A grandeza do efeito é proporcional a potência da causa. Todo efeito inteligente tem necessariamente causa inteligente.

A Ciência Espírita consiste no conhecimento das leis imutáveis que regem os fatos ante os quais, sem ela, as outras emudeceriam. Ela demonstra a unidade da criação na verdade das manifestações da lei de continuidade. (REVISTA DA SOCIEDADE..., 1881-1881, n.1-18, capas).

Na primeira epígrafe a revista chamava a atenção às atitudes moralizantes, como a caridade, o amor e a paz universal, conteúdos que apelavam à formação dos “bons espíritos” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jun., 1881, n. 6, p. 196. Em diversos artigos o tema foi abordado com a perspectiva de amparar a doutrina como inovadora, por empreender debates progressistas e cientificistas, ou seja, modernos.

A segunda epígrafe confirmava a primeira. Nela constava um excerto retirado d’*O Livro dos Espíritos*. A frase era a mesma utilizada pela *Revista Espírita* que a precedeu. Inclusive, o interesse dos redatores tinha significado similar, senão o mesmo propósito: afirmar a existência de fenômenos inteligentes vindos do além-túmulo.

A última epígrafe era a que mais demonstrava os anseios da *Revista da Sociedade Acadêmica* em analisar a dita “ciência espírita”, pelo mesmo prisma das demais correntes que se afirmavam possuidoras de princípios metódicos para chegar as “leis imutáveis” dadas pela ciência. A epígrafe não só confirmava as duas anteriores, mas dava um peso ainda maior no que deveria ser publicado na revista.



E, de fato, foi o que ocorreu, uma vez que em todos os números publicados foi acentuada a defesa do espiritismo enquanto uma “ciência de observação”.

A revista alcançou um formato mais sistematizado se comparada com os outros periódicos que a antecederam. Na *Seção Livre* publicavam-se “artigos avulsos” e textos diversos, desde que fossem autorizados pela diretoria. Seus responsáveis advertiram: “Publicaremos nesta seção, gratuitamente, todos os artigos de interesse geral, que nos forem oferecidos, se os julgamos dignos destas páginas” (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 29). A ideia era destinar a contribuições livres, desde que os textos não contrariassem aos princípios científicas da Sociedade Acadêmica e do periódico.

Nestas páginas, denominadas – Seção Livre, que o Centro adiciona as paginas da Revista Social, considerando-as folhas soltas, dedicados aos Srs. Membros da Sociedade; e que, para não aumentar a árdua tarefa da Diretoria, nos foram confiadas, tornando-nos moralmente responsáveis por tudo que nelas for publicado; é de nosso dever declarar, como Editor dos trabalhos que nos forem oferecidos, que ficamos autorizados a exigir a responsabilidade do próprio autor; sendo, entretanto o único responsável perante o Centro, por esta seção, do mesmo modo e ela mesma razão que os Srs. Diretores são responsáveis pela Seção Editorial (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., 1881, n. 1, p. 29).

Ao longo da Seção Livre foram publicados artigos com temas dos mais variados, porém, sempre dando ênfase em questões que envolviam assuntos correlatos com fenômenos espirituais e sua clarificação pelo espiritismo. O interesse não era outro, senão, defender a doutrina enquanto um modelo explicativo. Ao defender a postura que se apregoava científica, a Seção Livre explicava que suas páginas serviriam para esclarecer os fatos doutrinários, que por ventura, ainda fossem “obscuros”. Evidente, que tal tentativa seria feito por meio de aproximação com a lógica das ciências positivas. O próprio periódico se defendia, afirmando que:

Contudo, como o **nosso intuito é chegar a verdade**, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas, e tentaremos tanto quanto permitir o estado dos conhecimentos adquiridos, quer apresentar dúvidas, quer



esclarecer os pontos ainda obscuros. NOSSA REVISTA será assim uma tribuna franca, onde a discussão não deverá jamais apartar-se das leis mais estritas das convencionais. Em uma palavra, discutiremos, não disputaremos. A linguagem inconveniente nunca serviu de boas razões aos olhos das pessoas sensatas; é arma daqueles que as não tem melhores, é arma que se volta-se contra aqueles que a maneja (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA... jun., 1881, n. 6, p.183, grifo nosso).

Para que se cumprisse com o esperado e a revista continuasse a primar pelo legado dito cientificista, a distribuição do periódico também passou a exigir um regulamento.

A partir de seu segundo ano, a revista passou a ser mais flexível e ao admitir “textos de colaboradores espontâneos”, que não tivessem, necessariamente, vínculos com a Sociedade. Inclusive, os textos poderiam ser alheios ao espiritismo, porém, o que se viu foi a continuidade de publicações vindas dos membros da Sociedade Acadêmica. Exemplarmente, poucas vezes foram publicadas cartas de pessoas que eram associadas, salvo exceção as correspondências que eram remetidas por seguidores do espiritismo em outras partes.

De modo geral, os artigos publicados nas diversas seções da *Revista da Sociedade Acadêmica* não possuíam identificação de autoria. Tal fato, não permite traçar o perfil de um único responsável por conduzir o periódico. Apesar de não ter um editor ou redator chefe, é possível entrever o perfil dos articulistas que publicavam na *Revista da Sociedade Acadêmica*. Eles apresentavam características similares a dos intelectuais que escreviam para outros periódicos da época.

Portanto, os três periódicos analisados demonstram que a imprensa espírita brasileira manteve o seu foco na disseminação do legado doutrinário, sobressaindo o modelo cientificista. Porém, isso não a eximiu de expor que era necessário mudar os rumos da sociedade. Deixava claro que o Brasil Imperial deveria evoluir, para tanto, certificava que os princípios científicos geravam o progresso social.

Considerações finais: A imprensa espírita e seus aspectos pedagógicos



Para dar conta das articulações educativas por meio da imprensa espírita, seus articulistas atuaram no quadro mais amplo da conjuntura histórica em que visões de mundo eram propagadas para atrair as causas ideológicas. Neste universo era preciso inculcar ideias que desvinculasse os aspectos morais doutrinados pelo crivo do Catolicismo reinante. As ideologias modernizadoras eram apresentadas como a esperança para renovar as antigas concepções, sobretudo, para deixar o Brasil Império mais receptivo as ideias que chegavam de outras partes do mundo, sobretudo do cenário europeu e estadunidense.

Os debates dito modernizadores passaram a afrontar todo aquele cenário. Neste interim, os espíritas expressavam os conceitos de progresso e evolução como os norteadores do desenvolvimento. O que se pretendia era construir outra ordem, uma vez que o modelo em vigência respaldava a estrutura do Império entendida como retrógrada quando comparada aos regimes políticos edificados em outros contextos, sobretudo, nos países europeus.

As ideias emanadas de países intitulados como mais civilizados deviam dar respaldo aos novos rumos para os países periféricos pudessem. Essa visão contrariava a composição patriarcal do Império, culpabilizada por não permitir o desenvolvimento econômico, e por permitir a permanência de noções que inviabilizavam a industrialização, a urbanização e o progresso.

Os significados daquele contexto vinham do discurso científico e ganhava espaço nas páginas da imprensa espírita. Sendo o Espiritismo um produto das ideologias emblemáticas do século XIX, ele não poderia deixar de mostrar sua pretensão em se firmar como uma ciência. Nesta perspectiva, a imprensa espírita recorria a valores morais, mostrando que o progresso era uma consequência da caridade e do amor. Em concordância com este modo de pensar, o redator do jornal *O Écho d'Além Túmulo* recomendava que os homens mantivessem suas atitudes superiores para que pudessem sempre progredir. (O ECHO..., jul., n.1, 1881).



O discurso publicado nas páginas da imprensa espírita criava interfaces com um novo modelo de educar, expondo ser a moral espírita, que não afligia os valores cristãos, o caminho adequado para a melhoria dos homens. Enquanto “encarnados”, os homens deveriam buscar a caridade, o amor e a solidariedade para que, após a morte – ou depois de “desencarnados”, o espírito pudesse evoluir para um estágio de perfeição. Aqueles que não tivessem alcançado o referido estágio, poderiam retornar ao mundo para tentar adequar-se aos ideais que faziam o espírito evoluir.

Todavia, o ideal de progresso seguia as recomendações vindas dos “espíritos evoluídos”, o qual, para a maioria dos não adeptos do Espiritismo, era inexistente. Sendo assim, as recomendações só teriam aceitação, caso fosse primeiramente, comprovada a existência de vida depois da morte. Nada seria mais louvável para os espíritas se a ciência da época confirmasse a existência dos espíritos evoluídos, que habitava os mundos invisíveis e que entravam em contato mediúnico com os viventes.

A comprovação da existência da vida espiritual precisava ganhar credibilidade, caso contrário, haveria dificuldades para que os propósitos morais, ditados pelos espíritos evoluídos, fossem aceitos. A missão de certificar a veracidade da vida espiritual, naquele momento, foi determinada pela imprensa espírita que insistiu na perspectiva científica para comprovar sua crença. Eis o desafio dos intelectuais espíritas e dos periódicos que publicaram. Certamente, desafio ainda maior era postular suas convicções num Estado em que a laicidade era algo idílico.

Nas páginas da imprensa espírita, as contendas não proclamavam abertamente ao partidário político, ainda que seus intelectuais deixassem claro o lado que estavam dentro do levante ideológico que se instaurava. Embora suas altercações permanecessem mais no plano das ideias, do que, propriamente, no âmbito da prática, eles evidenciavam que eram contrários a política imperial e favoráveis as ideias que conclamavam a laicidade presente na maioria dos Estados



republicanos. Não meramente, enfatizavam questões cívicas e reformistas, a exemplo do vínculo entre Estado e Igreja.

De acordo com Isaia (2007), as reclamações dos espíritas estavam na pauta das contendas entre modernizadores e conservadores. Sendo os espíritas, modernizadores, que aspiravam a um modelo específico de tendência progressista, eles enlaçavam similaridades com intelectuais não espíritas que também difundiam ideias modernizantes. Esta era uma prática presente em vários grupos e adentrou as páginas dos periódicos espíritas.

As similaridades de ideias que partiam do ideário oitocentista fizeram se presente nos três periódicos históricos, que marcaram o início do Espiritismo brasileiro. Neles havia a exposição do discurso progressista, cientificista e moralizante por parte dos seus articuladores. Exemplarmente, alegaram em algum momento que o progresso seria alcançado quando a ciência moderna fosse empregada à religião e, em tal ponto, os homens viveriam em uma era em que “[...] todos evoluiriam intelectual e moralmente” (MONTEIRO, 2003, p. 78).

O interesse que nutriam por tais termos fazia com que eles se ligassem em rede, sendo que a sociabilidade acontecia nas páginas da imprensa. Era uma estratégia de disseminação da doutrina encontrada em homens como Luiz Olímpio Teles de Menezes, Antonio da Silva Neto, e dos membros da Revista da Sociedade Acadêmica, Deus, Cristo e Caridade.

Nos jornais para os quais estes homens escreviam, ficaram registrados os interesses em divulgar os princípios que, segundo eles, iriam modernizar o pensamento e fazer com que a sociedade evoluísse.

Além de estampar as ideologias do período, os jornais e revistas espíritas publicavam fatos que diziam ser provenientes de espíritos evoluídos, como se fossem ensinamentos a serem seguidos pelos viventes. Nomes de espíritos, ou apenas a menção a mensagens vindas do mundo espiritual preenchia as colunas e seções dos três periódicos analisados.



Em determinadas seções, apresentavam-se os diálogos entre o redator e os leitores, que por meio de cartas, ou por textos direcionados, geralmente esclareciam dúvidas sobre questões doutrinárias. Muitas dessas questões não passavam de curiosidades daqueles que não concordavam, ou ainda, não tinham se convencido da existência da vida no além-túmulo. Do mais, nas páginas da imprensa espírita aparecia ainda a defesa da doutrina frente aos ataques de católicos, ou até mesmo, daqueles que não concordavam com as reflexões feitas pelos espíritas que escreveram para os jornais.

Tem-se assim que a imprensa espírita foi essencial para disseminar a doutrina criada por Allan Kardec, mas também serviu para consolidar de ideologias que circulavam no final do Império brasileiro. Instrutivamente, cabia a ela auxiliar na proliferação de postulados modernizadores, que atuavam pedagogicamente ao publicar que os homens deveriam cultivar o progresso humano, visando a evolução social em paralelo a evolução dos espíritos.

Os debates travados deixaram um legado expressivo para a História da Educação, sobretudo, por instaurar a formação de uma mentalidade que pedia novos modos. Por outro lado, tornou-se notável que as mudanças no estado eram necessárias, como a laicização do Estado. Sem dúvida, ao se divulgarem enquanto defensores das ciências e do progresso, os periódicos da imprensa espírita oitocentista atraíam para si os interessados em conhecer a proposta progressista pensada por Kardec e que podia ser readequada para os momentos conflituosos do Império.

Mesmo com um público leitor restrito, formado basicamente por simpatizante e adeptos da Doutrina Espírita, os periódicos procuraram satisfazer a euforia da modernização e versavam sobre temas que ecoavam na época. Cada periódico cumpriu seu papel disseminador de um modo específico, mas em comum, não deixaram de lado os assuntos gerais que circulavam no ideário oitocentista.



REFERÊNCIAS

COUTROUT, A. Religião e Política. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1996. p. 331- 363.

FERNANDES, M. O. **Vozes do céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil**. São Paulo: Mandacaru, 2003.

ISAÍÁ, A. C. Espiritismo, República e Progresso no Brasil. HOMEM, A. C; SILVA, A. M.; ISAÍÁ, A. C. (Coord.). **Progresso e religião: a República no Brasil e em Portugal 1889-1910**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Uberlândia: UFU, 2007. p. 285-306.

MACHADO, U. **Os intelectuais e o espiritismo**. Niterói: Lachâtre, 1983.
MONTEIRO, E. C. **100 anos de comunicação espírita em São Paulo (1881-1981)**. São Paulo: Madras, 2003.

O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO: monitor do Espiritismo no Brasil. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, 1869-1870, Bimestral.

REVISTA ESPÍRITA: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas. Rio de Janeiro: Tipografia de Domingos Luiz dos Santos, 1875, Mensal.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, 1881-1882, Mensal.

STOLL, S. J. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp; Orion, 2004.

VALLE, D. S. **Intelectuais, espíritas e abolição da escravidão: os projetos de reforma na imprensa espírita (1867-1888)**. 194f. 2010. Dissertação. Mestrado em História, 2010. Universidade Federal Fluminense.

WANTUIL, Z. **Grandes espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

WANTUIL, Z. **As mesas girantes e o espiritismo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

Recebido em: 30/05/2018

Revista Educere Et Educare, Vol. 14 N. 31, jan./abr. 2019. *Ahead of Print*.

DOI: 10.17648/educare.v13i31.19641



Educere ^{Et} Educare

REVISTA DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Aprovado em: 28/01/2019

Revista Educere Et Educare, Vol. 14 N. 31, jan./abr. 2019. *Ahead of Print.*

DOI: 10.17648/educare.v13i31.19641

